

TRADUÇÃO E ESTUDOS CLÁSSICOS

Rafael Brunhara¹

*Homerus tuus apud me mutus, imo vero ego apud illum surdus sum.
Gaudeo tamen vel aspectu solo et sepe illum amplexus ac suspirans dico:
'O magne vir, quam cupide te audirem!*

Teu Homero é mudo para mim; ou melhor, eu que sou surdo para ele. No entanto, alegro-me em simplesmente olhar para ele, e frequentemente abraçando-o e suspirando digo: “Ó grande homem, com que paixão eu te ouviria!”

(Petarca, *Fam.XVIII*, 10, trad. Rafael Brunhara²)

Na carta acima, Francesco Petarca (1304-1374) agradece a Niccolò Sigeros, de Bizâncio, por lhe enviar um códice com a *Ilíada* de Homero. Como mostra o trecho da carta, Homero sempre fora aos italianos o grande poeta de sempre – em parte por causa do louvor que Virgílio lhe prestava e por resumos medievais, em latim, de sua obra que então circulavam. Sabe-se que seis anos depois Petarca veria uma primeira tradução das epopeias homéricas feita pelo prelado de Constantinopla Leôncio Pilatos. Acharia malfeita e deselegante. Como Petarca não sabia grego para lê-lo e avaliá-lo – e em outras cartas parece até mesmo demonstrar alguma má vontade em aprendê-lo – resignava-se então a admirar, abraçar e suspirar pelo velho manuscrito.

Não é exagero dizer, com isso, que um ato fundador do Renascimento italiano envolveu uma questão de tradução e que, desde o primeiro momento das línguas vernáculas, tradução e estudos clássicos andam juntos. Esta discussão apenas se consolidou e aprimorou desde então: só da *Ilíada*, contamos hoje com aproximadamente dez traduções em português, além de estudos que analisam minuciosamente cada aspecto da obra e as questões tradutórias suscitadas por ela. Assim é com toda a literatura produzida pelos gregos e romanos.

E é motivo de orgulho para nós ver que a *Translatio* sempre se ofereceu como um espaço para acolher textos sobre o mundo grego e romano – os “Clássicos”, enfim,

¹ Professor adjunto de língua e literatura grega na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenador do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva (2020-2022).

² PETRARCA, F. *Lettera XVIII. 2 – A Nicola Sigerò*. Disponível em: <http://www.cassiciaco.it/navigazione/scriptorium/testi%20medioevo/petrarca/familiare/familiare.html>. Acesso: 05.07.2020.

conforme a terminologia acadêmica. Desde sua edição número 8, do segundo semestre de 2014, não há uma edição em que os Estudos Clássicos não tenham figurado. Chegamos agora ao número 18 com um volume inteiramente dedicado à Grécia e Roma.

Nesta edição, Giuliana Ragusa (USP) e Josivânia Silva Sena Delfito (USP) apresentam, comentam e traduzem as relíquias da poesia de Corina de Tanagra pela primeira vez em língua portuguesa. Leonardo Antunes (UFRGS) e Bruno Palavro (UFRGS) apresentam, em “Rasuras Poéticas para a Teogonia de Hesíodo” suas propostas para uma nova tradução da *Teogonia*; Willamy Fernandes Gonçalves (UFC) insere mais um capítulo à longa (e ainda por fazer) história da tradução dos clássicos no Brasil, fazendo um levantamento das coleções de textos clássicos em coleções populares do século XX, apontando os títulos e critérios de tradução nelas considerados. Karen Amaral Sacconi (USP), ao traduzir um fragmento de Aristófanes em “Um pequeno léxico de objetos femininos: o frag. 332 de Aristófanes” estuda os problemas e os limites das consolidadas acepções dicionarizadas a partir de reflexões lexicológicas. Em sua contribuição, “Imitação: em busca de uma teoria antiga da tradução”, Rodrigo Garcia Manoel (USP) investiga em que medida se pode pensar nos preceitos sobre imitação (mimese) como uma teoria antiga da tradução. Levantando testemunhos antigos diversos, o autor observa os anacronismos dessa aproximação. Na seção de traduções comentadas, três textos fundamentais da Antiguidade são apresentados: Pedro Baroni Schmidt (UFRJ) apresenta uma nova tradução da Bucólica IV de Virgílio, voltada ao leitor contemporâneo e não-especializado; Thiago Koslowsky da Rosa (UFRGS) traduz e comenta, verso a verso, o fragmento 11 W de Simônides, poema relevante para o desenvolvimento dos estudos da poesia grega arcaica. Por fim, Maria Cristina da Silva Martins oferece sua tradução da *Epistola Ad Pammachium*, o *De Genere Optimo Interpretandi*, de Jerônimo, marco das reflexões sobre tradução no Ocidente.

Desejamos que esta edição assinale o lugar dos Clássicos na *Translatio* – um lugar que há muito já é ocupado e que aqui celebramos.

Boa leitura!